

Caros camaradas, caros amigos,

Saúdo todos vocês de todo o coração em nome da classe trabalhadora da Turquia e do Partido dos Trabalhadores da Turquia.

Carregamos tanto o orgulho quanto a responsabilidade de estar aqui com vocês hoje, de compartilhar a mesma emoção, a mesma esperança e a mesma determinação, mesmo falando línguas diferentes.

Antes de mais nada, gostaria de agradecer aos camaradas que se empenharam intensamente na organização desta conferência tão importante.

I. Um Diagnóstico Correto é Essencial

Com base em nossas próprias experiências, compartilharei com vocês alguns pontos a partir de uma perspectiva internacional.

Espero que, nos próximos dias, possamos discutir essas questões com mais profundidade juntos. Acredito que precisamos disso. Estamos diante da tarefa de compreender uma nova fase, desenvolver novas formas de organização e de luta específicas para este período, e produzir novos marcos teóricos e políticos.

Devemos nos apoiar nas práticas revolucionárias da história mundial, mas também reconhecer que isso, por si só, é insuficiente. Precisamos entrar neste novo período com força e avançar de acordo com ele. Na verdade, o que devemos perceber é que já entramos em um novo período. Esse novo período avança por seu próprio caminho e se reestrutura continuamente. O que falta é uma intervenção revolucionária consciente e corajosa nesse processo.

Nesta sessão, estamos discutindo o papel e os limites da ação institucional dentro da luta democrática.

Para fundamentar corretamente essa discussão, devemos primeiro perguntar:

Em qual momento histórico estamos falando?

Porque o significado das instituições não pode ser separado das condições históricas em que existem.

II. Contra-revolução Internacional

O que o mundo está vivenciando hoje não pode ser descrito como uma crise comum do capitalismo.

O 3º Congresso do nosso partido foi realizado no verão passado, e demos um nome a essa situação: o que estamos testemunhando é um processo contra-revolucionário organizado em escala internacional.

Entramos em um novo período contra-revolucionário. Devemos focar nesse processo e organizar nossas missões políticas e preparações de acordo com ele. Não devemos nos deixar enganar por flutuações de curto prazo. Estamos vivendo um período “histórico-mundial” que exige lutas longas e difíceis.

Imperialismo e fascismo já não são processos separados.

Eles se complementam como uma ofensiva abrangente do capital.

Essa estrutura, dentro de uma ordem global em que o socialismo não é percebido como alternativa:

- Protege o capital internacional e busca remover todos os obstáculos a ele, da América Latina ao Ásia-Pacífico,

- Organiza guerras multidimensionais utilizando tecnologia avançada,
- Torna a política autoritária e reduz o Estado a um aparato de repressão.

Seu objetivo final é liquidar todos os direitos e liberdades conquistados pela classe trabalhadora e pelos povos através da luta, e inaugurar um novo período.

As figuras políticas que observamos em diferentes países são representantes desse processo unificado, dessa organização internacional contra-revolucionária. A contra-revolução está construindo uma ordem sombria sob a liderança de uma aliança reacionária internacional.

O fascismo é uma punição imposta à classe trabalhadora que não conseguiu tomar o poder.

III. Guerra e Pobreza Juntas

As guerras estão aumentando hoje.

Mas sua causa não é a segurança, como se afirma.

Seu verdadeiro objetivo é ocultar e sustentar desigualdades crescentes e a expansão da pobreza.

Permitam-me dar um exemplo da Turquia:

Milhões de pessoas agora trabalham mais horas, mais dias e por mais anos, mas ganham menos em termos reais e vivem em condições piores.

Pela primeira vez em um século, a próxima geração em nosso país é definitivamente mais pobre do que a anterior e enfrenta um futuro mais sombrio.

Enquanto um punhado de capitalistas enriquece, a classe trabalhadora foi empurrada para condições mais duras e está quase totalmente endividada. Seu presente foi reduzido à mera sobrevivência, e seu futuro está hipotecado.

Por exemplo, nos últimos 25 anos, pelo menos 35.000 trabalhadores morreram no que são chamados de “acidentes de trabalho” – na realidade, assassinatos no local de trabalho.

98% dessas mortes ocorreram em locais de trabalho não sindicalizados.

Isso é uma forma de classicídio. A luta de classes já não é uma abstração – é uma realidade concreta.

Esse quadro revela a verdadeira face do sistema.

IV. Os Limites do Parlamento

Nessas condições, devemos definir corretamente o papel do parlamento.

Falemos claramente: neste período de reestruturação do Estado,

O parlamento não é um centro de soluções.

Nem é, por si só, um instrumento suficiente de luta.

Na melhor das hipóteses, é principalmente um terreno de luta.

A partir da nossa experiência, posso compartilhar duas conclusões concretas:

1. Uma política confinada ao parlamento está condenada ao fracasso.
2. Na Turquia, o governo tornou o parlamento completamente ineficaz. Na prática, todas as decisões

são tomadas no palácio presidencial, e a assembleia apenas as ratifica. Há oito anos, nenhuma proposta legislativa da oposição foi sequer debatida formalmente, enquanto nenhuma proposta do governo foi rejeitada.

V. A Ligação entre a Tribuna Parlamentar e a Rua

Nessas condições, a luta parlamentar só é significativa se houver uma força organizada popular e da classe trabalhadora em todo o país.

Devemos lembrar: mesmo que a classe trabalhadora pareça ter conquistado seus direitos por meio de leis aprovadas nos parlamentos, a base de todos esses direitos está nas ruas, nas greves, na resistência.

As demandas levantadas ali são transformadas em programas políticos e socializadas entre o povo – é assim que as conquistas são alcançadas.

Portanto, vemos o parlamento apenas como uma das arenas dessa luta.

VI. O Povo como Sujeito da Política

Hoje, o povo está sendo expulso da política, definido não sequer como cidadãos, mas apenas como “eleitores”, como apoiadores passivos.

Rejeitamos essa compreensão.

O povo não deve ser objeto da política, mas seu sujeito.

Portanto:

- Sindicatos,
- Assembleias populares,
- Organizações locais

são as bases centrais da luta política.

Devemos garantir que nossos partidos funcionem como estruturas nas quais os trabalhadores detenham o poder decisivo. Nossos partidos devem realmente conseguir se tornar partidos da classe trabalhadora.

Buscamos utilizar as oportunidades conquistadas por meio das eleições e do parlamento tanto para fortalecer nosso partido quanto para construir e expandir a auto-organização do povo.

Permitam-me compartilhar um dado importante do nosso país:

Enquanto nosso partido – que se define abertamente como marxista-leninista – recebeu quase um milhão de votos (apesar de ter participado das eleições em apenas metade do país), a confederação sindical progressista tem apenas 240.000 membros.

Nossa primeira decisão após a eleição foi declarar que derrotar esse governo é impossível a menos que esse sindicato alcance um milhão de membros, e mobilizamos nossas organizações nesse sentido.

VII. Política Institucional e a Linha Revolucionária

A política institucional sempre carrega riscos:

- Burocratização e parlamentarismo,

- Integração ao sistema,
- Enfraquecimento da luta por meio do negociacionismo.

Portanto, a política revolucionária – seja dentro ou fora do parlamento – deve ser:

- Transparente,
- Responsável,
- Enraizada na luta e organização contínuas entre o povo.

A política não deve se basear apenas na iniciativa individual ou na confiança, mas em princípios coletivos.

VIII. A Experiência Turca: Concretizando a Teoria

Os resultados que alcançamos na Turquia são produtos dessa abordagem.

Nosso partido conquistou representação parlamentar:

Sem apoio de capital,

Sem financiamento estatal,

Sob forte bloqueio midiático,

Apoiando-se exclusivamente na força do povo.

Ao longo da nossa presença parlamentar, estruturamos nossa luta em dois eixos:

1. Levar a voz, a agenda, as demandas e a indignação do povo ao parlamento,
2. Expor e resistir a todas as atividades reacionárias da assembleia, informando o público.

Resumimos isso como:

“Levar o povo ao parlamento, e o parlamento ao povo.”

No entanto, no mesmo processo, também observamos o seguinte:

Um de nossos deputados eleitos está sendo mantido ilegalmente na prisão, em violação às disposições constitucionais. Gostaria de apresentar nosso camarada preso a vocês. Nosso camarada Can Atalay foi uma das principais figuras da luta como advogado da Câmara de Arquitetos durante a resistência de Gezi, que surgiu contra um crime urbano e destruição ecológica. Por essa razão, foi preso ilegalmente.

Enquanto estava detido, um devastador terremoto atingiu a Turquia em 2023 – novamente resultado de crimes urbanos – tirando a vida de dezenas de milhares de pessoas. Após isso, nosso partido organizou um forte esforço de solidariedade na região afetada. Dessa mesma região, nosso camarada, o advogado Can Atalay, foi eleito para o parlamento enquanto ainda estava preso.

Apesar de ter sido eleito como representante para a assembleia nacional de uma cidade que ele nunca sequer pôde visitar, e apesar das disposições constitucionais e de três decisões distintas do Tribunal Constitucional, ele continua preso.

Isso demonstra que a ilegalidade é uma característica definidora deste novo período.

Hoje, na Turquia, numerosos representantes eleitos – incluindo um ex-candidato presidencial e o prefeito de Istambul – estão presos.

A própria resistência de Gezi permanece como uma das experiências de luta mais importantes.

Ela nos ensinou:

O que une não são as diferenças, mas a luta comum.

O que importa é de que lado da barricada você está.

À medida que lutamos juntos, não apenas descobrimos pontos comuns, mas também criamos novas formas de solidariedade.

IX. A Posição Histórica da Turquia

A Turquia é um ponto de encontro histórico entre o Oriente Médio, o Cáucaso e a Europa.

As guerras ao nosso redor aumentam a responsabilidade dessa geografia.

Ao mesmo tempo, as relações com a Europa são desiguais.

Quase 10 milhões de nossos cidadãos foram forçados a trabalhar em países europeus.

Para a Europa – chamada berço da democracia – a Turquia é posicionada como:

- Uma fonte de mão de obra barata,
- Um depósito de migrantes,
- A força terrestre da OTAN.

Por causa desse papel, práticas antidemocráticas na Turquia são toleradas.

X. Um Novo Internacionalismo

As lutas que travamos em nossos países inevitavelmente assumem uma dimensão internacional.

A solidariedade é importante – mas não suficiente.

Agora precisamos de:

- Ações conjuntas,
- Coordenação internacional,
- Novas formas de luta.

XI. Conclusão: Uma Tarefa Histórica

Hoje, a questão não é apenas compreender o mundo.

A questão é transformá-lo.

Uma resistência revolucionária internacional deve ser construída contra a contra-revolução.

Isso só é possível por meio de:

- Organização,
- Unidade,
- Debate corajoso e camarada,
- Expansão da luta.

A ordem global – manifestada em intervenções agressivas da Venezuela ao Irã, da Palestina a Cuba e à Groenlândia – deve ser derrubada.

O fato de uma cúpula da OTAN ser realizada na Turquia em um momento em que toda a região está se transformando em um campo de batalha não é coincidência.

Não permaneceremos em silêncio enquanto novos planos de guerra e ocupação são elaborados em nosso país, moldando o mundo de acordo com os interesses de um punhado de capitalistas.

Enquanto nossos povos vivem na pobreza e na privação, não permitiremos que parcelas cada vez maiores dos orçamentos públicos sejam destinadas à guerra.

Por essa razão, estamos iniciando um processo de luta a partir de 4 de abril, aniversário da fundação da OTAN, até a cúpula da OTAN a ser realizada na Turquia em julho de 2026.

Vemos isso como o início de uma nova fase de luta junto com nossos amigos e camaradas ao redor do mundo.

Convidamos todos vocês a organizar uma cúpula pela paz contra o imperialismo, a OTAN e a ilegalidade da aliança de Trump, Netanyahu e seus parceiros.

Assim como esta conferência combina com Porto Alegre, um encontro internacional pela paz contra a OTAN também combinaria perfeitamente com Istambul.

Revolucionários, independentemente de seu país, falam a mesma língua:

a língua da igualdade e da liberdade, da paz e da fraternidade, da revolução e do socialismo.

Espero que essa língua nos una, nos aproxime e nos torne camaradas.

Aguardo com interesse acompanhar as valiosas contribuições de cada participante, ouvir atentamente e participar de debates profundos tanto aqui quanto em nosso país.

Em nome do nosso partido e da nossa delegação, agradeço novamente a todos os participantes e desejo uma conferência produtiva, com resultados benéficos para todo o mundo.

Nos protestos em andamento na Turquia, dois slogans se destacam – acredito que também se aplicam internacionalmente:

Não há salvação individual – ou todos juntos, ou nenhum de nós.

Venceremos por meio da unidade.

Saúdo todos vocês com solidariedade e desejo sucesso em nossa luta.

Abaixo o fascismo!

Abaixo o imperialismo!

Viva a revolução e o socialismo!